

A HISTÓRIA DA IGREJA NA AMÉRICA LATINA

por Enrique Dussel
(CEHILA – México - 1982)

1. INTRODUÇÃO METODOLÓGICA

Todo “ACONTECIMENTO” histórico é irrepetível e único. “Acontecimento” e “fato” são conceitos distintos. O FATO não é o “acontecimento” em si mesmo, mas a maneira como este se manifesta. Esta manifestação nunca é direta (ou imediata), clara e transparente. A descrição ou o relato de um Fato histórico sempre supõe uma interpretação, que pode ser consciente ou não, voluntariamente buscada ou não.

Assim também, a História da Igreja (como descrição ou relato científico e não como coleção de “acontecimentos” isolados) supõe certa familiaridade com os “fatos” eclesiais para poder interpretá-los. O tipo de História da Igreja que se escreverá vai depender da “interpretação” que o historiador der aos fatos. Mas a maneira de interpretar os fatos eclesiais depende, em última instância, da idéia ou conceito (popular ou teológico) que o historiador tem de IGREJA (quer dizer a partir de que “Modelo de Igreja” o historiador vai ou está interpretando os “fatos” eclesiais).

Na América Latina esta surgindo a tentativa de escrever a História da Igreja a partir da EXPERIÊNCIA e da TEOLOGIA da Comunidade Institucional fundada por Jesus Cristo.

O programa da Missão Histórica concreta do fundamento do Cristianismo, e também, ao mesmo tempo, a Missão ou a Essência da Igreja. Jesus Cristo expõe este programa de ação, ao ler um trecho do livro de Isaías, no Capítulo 61,1ss:

“Ele foi a Nazaré... entrou na Sinagoga... foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías. Abrindo-o, encontrou a passagem onde está escrito: ‘O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me escolheu para anunciar uma Boa Notícia aos pobres. Enviou-me para proclamar a libertação dos presos e aos cegos a recuperação da vista e para restituir a liberdade aos oprimidos...’ Hoje, na presença de vocês, realizou-se o que acabaram de ouvir...” Lc 4,16-21.

Se “EVANGELIZAR OS POBRES” foi o objetivo histórico concreto de Jesus Cristo e também o objetivo de sua Igreja, este deve ser também o grande critério para uma “interpretação” cristã da História da Igreja.

Interpretação científica, mas ao mesmo tempo cristã (isto é, a partir da FÉ) e teológica (isto é, a partir do estudo científico da FÉ). Por isso, o “SENTIDO” de um acontecimento vem da relação (positiva ou negativa) que ele tem com o pobre, com o oprimido, com o despojado, com o empobrecido e com o povo simples.

O critério para escrever a História da Igreja já não é mais o triunfalismo das grandes catedrais e nem o esplendor e a solenidade das coroações de imperadores pelo Papa, mas a CARIDADE “NA FRAÇÃO DO PÃO” das Comunidades cristãs: pobres, perseguidas, missionárias e proféticas. Uma História da Igreja A PARTIR do Povo, PARA o Povo e DO PRÓPRIO Povo, com finalidade Pastoral, Catequética e Evangelizadora.

Porém, para alcançar este objetivo, foi preciso ir buscar na Bíblia o significado original de “POBRE”, de Oprimido e de Despojado; num segundo momento, foi preciso dar à categoria “Pobre” um significado científico, que fosse aceito pela sociologia.

A Realidade Social de uma época (ou período histórico) é consequência (fruto) do tipo de organização econômica (=modos de produção) adotado. O tipo de organização econômica define também as “Classes Sociais” dessa época. As diferentes maneiras como essas classes se organizam e se articulam em “conjunturas e blocos históricos” permite descobrir o SIGNIFICADO dessa época ou de um determinado “acontecimento”.

A partir do POBRE, como raça, como sexo, como classe, como povo, como nação dominada, descobre-se o “significado” cristão de uma época ou de um “acontecimento”.

Assim também, a Igreja e sua História institucional só adquirem SIGNIFICADO quando se descobrem as articulações e o relacionamento que a

comunidade eclesial teve com a sociedade inteira no decorrer dos séculos.

Durante os três primeiros séculos de sua existência a Igreja articulou-se com a sociedade organizando suas estruturas e contando com seus “fiéis” que eram todos das classes dominadas (classes oprimidas e povos periféricos). Era a Igreja dos pobres, a Igreja perseguida, a Igreja dos mártires. Este “Modelo” de Igreja não se confundia com o Estado e nem se apoiava no poder das classes dominantes.

A partir do século IV (do ano 313 em diante) aparece outro “Modelo” de Igreja, que define uma nova maneira da Igreja articular-se com a sociedade. Foi o “Modelo” de Igreja “Cristandade”. Dentro deste novo “Modelo” de Igreja, Estado e Igreja começaram a ajudar-se um ao outro. A Igreja começou a justificar a ação repressora do Estado e o Estado começou a exercer funções eclesiais, como: construir templos, proteger e pagar os missionários, processar aqueles que se arriscavam a questionar a autoridade da Igreja, etc.

Estes dois modelos: o “Modelo” de Igreja dos Pobres (ou Popular) e o “Modelo” de Igreja-Cristandade levam a duas maneiras diferentes de interpretar a História da Igreja. Até hoje quem escreveu a história foi a classe dominante. Nessa história o povo não tem vez. Hoje, na América Latina, é preciso começar a escrever a História da Igreja A PARTIR dos Pobres, PARA os Pobres e, sempre que for possível, que os PRÓPRIOS POBRES escrevam esta História. Isso é fundamental.

2. INTRODUÇÃO HISTÓRICA

Para escrever esta nova História da Igreja na América Latina, os historiadores enfrentam dois problemas:

- em primeiro lugar, eles precisam reinterpretar toda a História da América Latina, que foi escrita pelas classes dominantes e, é claro, o Povo foi esquecido;

- em segundo lugar, conseguir que a História Universal considere com um pouco mais de respeito a História da América Latina. De fato, os livros de História universal falam dos egípcios, dos gregos, etc, mas não falam quase nada da América Latina. É preciso re-situar a História da América Latina na História Universal para re-valorizar o Oprimido: o índio e o negro no começo: o camponês e o operário mais tarde, e a mulher em todas as épocas.

2.1- A Ameríndia como Pré-História da Igreja

A população “índia” das Américas (Ameríndia) é descendente de povos que vieram do Nordeste da Ásia através do Pacífico. Sua “cultura”, portanto, vem do Leste (cultura Oriental. É por isso que os europeus, de “cultura Ocidental”, nunca conseguiram entender os povos “índios” das Américas.

A História Universal fala muito das civilizações mesopotâmicas, egípcia, chinesa, etc, e se esquece de falar das civilizações americanas. Sabe-se que entre os anos 300 a ??? da nossa era, floresceram, na América, duas grandes culturas: a de TIAHUANACO, ao lado do Lago Titicaca na Bolívia e a de TEOTIHUACAN, ao lado do Lago Tezcoco no México. Porém, o apogeu das civilizações Ameríndias se deu entre os anos 1400 e 1500: o império INCA no Perú, o Império AZTECA no México e o Império CHIBCHA na Colômbia. E estas civilizações estão exigindo um lugar de respeito na História Universal.

O homem americano (tanto os Nômades do Norte ou do Sul, ou os Agricultores dos vales do Mississipi, do Orinoca, do Amazonas e do Prata, como as culturas urbanas dos Incas, dos Aztecas, dos Mayas e dos Chibchas) produziu uma civilização original, uma grande cultura e um maravilhoso mundo religioso, tanto em sentido como em profundidade.

É sobre este homem ameríndio, sobre sua raça, cultura e religião, que se lançará a “invasão” cristã européia com “lobos e tigres e leões esfomeados de muitos dias”, dirá Bartolomé de Las Casas.

2.2- A Proto-História da Igreja Latino-Americana

Para escrever a História da Igreja na América Latina é preciso se fundamentar em dois pontos:

- na PRÉ-HISTÓRIA DA IGREJA NA AMÉRICA LATINA, formada pelas culturas dos povos americanos (disto já se falou parágrafo 2.1, dá pagina anterior);
- e na PROTO-HISTÓRIA DA IGREJA NA AMÉRICA LATINA. Por Proto-História se entende, aqui, a História do Cristianismo desde sua origem até a época do descobrimento da América, no ano de 1492. PROTO-HISTÓRIA DA IGREJA é a explicação de como se originou este tipo de cristianismo que veio evangelizar as Américas.

Resumindo então, para estudar criticamente a História da Igreja na América Latina, é preciso conhecer a História da Igreja antes do descobrimento da América, conhecer a História dos povos americanos, ter opinião “própria” sobre o significado do “fato cristão” na história do mundo e, especialmente ter bem presente o critério de “Evangelizar os Pobres”.

Na história das civilizações da Europa e da Ásia, sobressaem duas grandes culturas:

- a CULTURA INDO-EUROPÉIA, e
- a CULTURA SEMÍTICA.

Entre os povos de cultura “Indo-Européia” aparecem os hititas, os medos, os persas, os gregos, os romanos e, mais tarde, os arianos.

Entre os povos de cultura “Semítica” aparecem os acádios, os babilônicos, os fenícios, os hebreus e, mais tarde os árabes.

Estas duas culturas são profundamente diferentes; e pouco a pouco, a cultura “Indo-Européia” foi sofrendo a influência da cultura “Semítica”.

A história de Israel se situa dentro do contexto da história dos povos

semitas. As constantes lutas do povo israelita contra os egípcios, contra os babilônicos e mais tarde, contra os romanos, foram lutas para preservar a própria cultura e a identidade do povo.

Durante certo tempo o povo da Israel teve seus reis. Foi a época da Monarquia. Queriam parecer-se com os povos vizinhos. E não deu muito certo. Mas aqui, o que interessa descobrir, é que a “comunidade religiosa de Israel” (desde os Patriarcas e Profetas, até chegar aos tempos de Cristo) era um “Modelo” de judaísmo muito diferente do “Modelo” da Monarquia, onde o Estado se confundia com o Povo Eleito.

Assim também, o Cristianismo dos três primeiros séculos, a Igreja dos Mártires, será um “Modelo” de Igreja dos Pobres, muito diferente do “Modelo” de Igreja-Cristandade, depois de Constantino (do ano 313 em diante). Na Cristandade, cultura Ocidental (Européia) e Cristianismo se confundiam. Dizer que alguém era Europeu era a mesma coisa que dizer que era Cristão.

Para entender o tipo de Cristianismo que a Espanha e Portugal trouxeram para a América, é preciso lembrar como ele se formou.

Espanha e Portugal receberam o Cristianismo de Roma. Mais tarde, lá pelo ano 450, os países Ibéricos começaram a receber imigrantes do Norte da Europa (na História Universal são chamados de Povos Bárbaros). Por volta do ano 570, um desses povos, os VISIGODOS, estabeleceram definitivamente residência. Os visigodos já eram cristãos, mas cristãos arianos considerados hereges pela Igreja (os arianos pregavam que Jesus Cristo, sendo criado por Deus Pai, era um Deus inferior ao Pai). No ano 589, Recaredo, rei dos Visigodos, se converte ao Catolicismo, e ele todo seu povo. O Cristianismo Ibérico, porém, ficou marcado.

No ano 711 os Muçulmanos (seguidores de Maomé) conquistam a Península Ibérica, destruindo o reino dos Visigodos. Os cristãos são obrigados a fugir para as montanhas, mas não abandonam a fé cristã. Devagarzinho vão se organizando e reconquistando, palmo a palmo, sua terra: Essa luta de reconquista durou quase 800 anos. Os maometanos (ou os “infiéis” Sarracenos como eram chamados pelos cristãos) são definitivamente expulsos no ano de 1492 (ano do

descobrimto da América).

Por isso o cristianismo dos Portugueses e Espanhóis era, na época do descobrimento da América, um Cristianismo de conquista, um Cristianismo guerreiro, um Cristianismo de luta contra os infiéis não cristãos. Foi com esta mentalidade que vieram para conquistar e evangelizar as Américas.

3. PRIMEIRA ÉPOCA:

A CRISTANDADE COLONIAL: 1492-...

A História da Igreja na América Latina tem três épocas bem distintas:

- A CRISTANDADE DAS “ÍNDIAS” sob o domínio espanhol e Português, de exclusividade Católica e de Capitalismo mercantil;
- A CRISE DA CRISTANDADE DAS “ÍNDIAS” e a SITUAÇÃO DO NOVO PACTO NEO-COLONIAL, sob o domínio Anglo-Saxão (primeiro da Inglaterra e depois dos Estados Unidos), de dependência do Capitalismo industrial (primeiro de livre intercâmbio e depois imperialista) e de presença sempre crescente do Protestantismo (primeiro o Europeu e depois quase exclusivamente, o Protestantismo Norte-Americano, até aparecer o Pentecostalismo e as seitas fundamentalistas);
- A CRISE DA DEPENDÊNCIA CAPITALISTA e a PASSAGEM PARA UMA SITUAÇÃO “PÓS-CAPITALISTA”.

3.1- Primeiro Período:

O Caribe (1492-2519)

O Litoral Brasileiro (1500 - 1549).

Entre os companheiros de Colombo havia um Sacerdote que celebrou; em 1492, a primeira missa no Continente Americano. Chamava-se Pedro de Arenas.

Mas o que interessa entender é que o Descobrimento (ou a “Invasão da América pelos dominadores espanhóis”) realizado por um negociante e seus companheiros navegadores, obedecia a um programa de expansão da Cristandade Ibérica: Espanha e Portugal eram, nessa época, o centro do Mundo. Os reis católicos, Fernando e Isabel (entre os anos de 1492 e 1516), a partir dos privilégios recebidos do Papa (por meio do Padroado), organizaram e estruturaram a Cristandade Latino Americana.

O primeiro ciclo antilhano (na região do mar do Caribe) foi o ciclo do ouro e das “encomiendas” (a “encomienda” era uma licença que o Rei da Espanha dava a alguns particulares de se utilizarem da mão-de-obra indígena sem remuneração, pelo fato dos índios serem “súditos” do rei). Desde o começo os fazendeiros espanhóis exploraram a mão-de-obra indígena, embora somente em 1514 fosse regulamentada por Lei. A maioria dos índios morreu por causa dos trabalhos forçados e por causa das doenças trazidas pelos europeus.

Por volta do ano 1518, termina o ciclo do ouro nas Antilhas e começa o ciclo do açúcar; como os índios tinham morrido quase todos, teve início a escravidão dos negros.

Com a chegada dos Franciscanos começou a Evangelização na América. Em 1505 os franciscanos criam a primeira missão entre os índios. Em 1510 vieram os dominicanos. É um Padre dominicano, Antônio de Montesinos, que no ano 1511 lança o primeiro grito profético em defesa dos índios: “Eu sou a voz que clama no deserto desta ilha”.

No ano de 1504, o Papa Júlio II funda as três primeiras dioceses Latino-Americanas. O rei Fernando da Espanha não gostou desta iniciativa do Papa, e protesta e sai vitorioso. Pela Bula papal: “Universalis Ecclesiae” de 1508, o rei da Espanha recebe o direito do PADROADO sobre a Igreja na América espanhola; o rei torna-se chefe direto da Igreja no Novo Mundo enquanto que o Papa é chefe, apenas indiretamente. É o início formal da Cristandade Latino-Americana. O Papa aprova os nomes dos três padres que o rei lhe apresenta para serem sagrados Bispos. São os primeiros Bispos das Dioceses de Santo Domingo, Concepción e

Porto Rico, durante o ano de 1511. Já no ano de 1512 o rei começa a receber os “dízimos” recolhidos na Igrejas da América.

Conscientemente ou não, a verdade é que a Igreja, nestes inícios, se articulou em suas estruturas hierárquicas, com o poder conquistador. A classe conquistadora, comerciante e encomendera (exploradora do índio) se apresenta diante dos indígenas misturada com o missionário e com o padre. Houve também algumas exceções.

O ciclo litorâneo brasileiro, nesta primeira etapa (1500 a 1549), isto é, desde a chegada de Pedro Álvares Cabral até Tomé de Souza, foi muito desorganizado. Resumiu-se na exploração do índio, na exploração do Pau-Brasil e na divisão do território em Capitânicas. Não houve nenhuma Evangelização sistemática e organizada. A presença de um e outro franciscano não representou a presença cristã no Brasil. O Brasil era importante como entreposto de apoio para chegar à África, ao Oceano Índico e ao Extremo Oriente.

3.2- Segundo Período: As Grandes Missões (1519 -1551) e Os Jesuítas no Brasil (desde 1549)

Em 1519, com a invasão do império azteca por Cortés (partindo de Cuba), começa o processo de Evangelização global. Do ciclo de Evangelização Antilhano, passa-se ao ciclo Mexicano, ao ciclo centro americano, ao ciclo incaico e chibcha. Estes eram os povos pré-hispânicos mais numerosos.

Em 1549, Tomé de Souza chega ao Brasil acompanhado pelo primeiro grupo de Jesuítas. Foi assim que começou o ciclo de evangelização sistemática e organizada do litoral brasileiro.

Portugal e Espanha, no alto de sua glória, são cada vez mais o Centro do mundo; antes mesmo da descoberta de ouro e prata nas Américas. É a época do CATOLICISMO GUERREIRO, do Catolicismo “a ferro e fogo”, onde a preocupação maior não é Evangelizar a fundo, mas batizar (evangelização por tábula rasa isto é,

saber apenas o essencial para poder receber o Batismo). Mas é este tipo de cristianismo que estrutura a Cristandade colonial nas Américas.

Fernão Cortés vai para o México acompanhado pelo Frei Bartolomeu de Olmedo; e domina os aztecas. Pizarro e Almagro, acompanhados pelo Frei Vicente de Valverde, vão para o Peru; e dominam os incas. Nossa Senhora dos Remédios defende Cortés dos aztecas e Nossa Senhora da Vitória apóia Álvaro Costa contra os indígenas brasileiros em 1555. RELIGIÃO CRISTÃ QUE JUSTIFICA A DOMINAÇÃO.

A Evangelização orgânica começa, de fato, a 14 de maio de 1524 quando chegam (na América Central) os “12 Apóstolos” Franciscanos. Em 1526, chegaram também 12 Dominicanos, e em 1533 chegaram os Agostinianos. No começo os missionários necessitavam de intérpretes; mas rapidamente aprenderam as numerosas línguas indígenas, dispensando os intérpretes e evangelizando no idioma do povo indígena. Elaboraram gramáticas, dicionários, sermoniários, confessionários e catecismos na língua dos índios.

As primeiras dioceses foram: SANTA MARA DO DARIÉN (1513), CUBA (1517), TIERRA FLORIDA (1520), PUEBLA (1519), MÉXICO (1530), HONDURAS, NICARÁGUA e CORO (1551), SANTA MARTA e CARTAGENA (1534), OAXACA (1535), MICHOACAN (1536), CHIAPAS (1539), GUADALAJARA (1548). Na América do Sul, as primeiras dioceses foram: CUZCO (1537), LIMA (1541), QUITO (1546), POPAYÁN (1546), ASSUNÇÃO DO PARAGUAY (1547). Nenhuma Brasileira.

No Brasil, desde a Paraíba até São Vicente, primeiro os Jesuítas e depois os Franciscanos e outras ordens religiosas vão realizando sua atividade evangelizadora.

Assim, lentamente, começou a surgir o povo cristão latino-americano. Iniciava-se, mesmo contra a vontade dos cristãos hispano-lusitanos, a “assimilação” (recepção) original e criativa do Evangelho da parte do povo mestiço latino-americano, povo oprimido, classes exploradas e uma cultura nascente: eram os indígenas, os mestiços, os escravos negros espanhóis e portugueses empobrecidos. Foram eles, revoltando-se contra a opressão (principalmente as revoltas dos incas) que iniciaram o longo caminho da libertação da América Latina.

Já no ano de 1537 os escravos negros no México se levantaram contra a exploração; e em 1539, duas tribos de índios, ao norte do México também se revoltaram. E esses revoltosos já eram cristãos.

Assim foi surgindo contra a Cristandade dominante um outro “Modelo” de Igreja: uma Igreja Popular, que, para além da “república dos espanhóis”, nas roças, nos bairros pobres das cidades, se identificava com o Cristo sofredor, paciente e coberto do sangue do povo latino-americano esperando a sua libertação, (nessa época, a imagens de Cristo nas Igrejas populares eram apresentadas violentamente ensangüentadas).

Foi durante este período que começaram as primeiras lutas pela justiça, principalmente durante o tempo em que se elaboraram as “LEIS NOVAS”, em 1542. Tratava-se de uma nova Legislação que a Espanha iria aplicar nas Américas. O grande defensor da causa dos índios foi Bartolomeu de Las Casas; embora as “Leis Novas” não tenham levado em consideração seus pedidos, seu exemplo entrou para a História e continua sendo exemplo para os cristãos de hoje. E foi assim que a Cristandade das índias se construiu sobre o sangue do índio e sobre o sofrimento do escravo negro.

3.3- Terceiro Período: A Organização Eclesial (1551 -)

Em 1551 é fundada a primeira diocese Brasileira, Salvador da Bahia. Neste mesmo ano é celebrado o primeiro CONCÍLIO PROVINCIAL AMERICANO, na cidade de Lima. Em 1546 foram criadas as três primeiras Arquidioceses da América: Santo Domingo, México e Lima. Em 1548 foi descoberto ouro e prata no México e algum tempo depois, também no Perú. E assim começa um novo ciclo de Evangelização nestas regiões.

O CATOLICISMO GUERREIRO dos primeiros anos vai desaparecendo, surgindo em seu lugar o CATOLICISMO PATRIARCAL representado por uma nova classe dominante formada de grandes fazendeiros plantadores de cana de açúcar e grandes donos de minas. É a época do Senhor da Casa Grande que domina a

Senzala dos escravos.

Pela “Junta Grande” de 1548, a Igreja fica completamente controlada pelo poder do Estado, dentro de um sistema de Padroado tão exigente que desde o mais humilde sacristão até o mais importante dos Arcebispos, têm que ser escolhidos e aprovados pelo Rei. O papel da autoridade eclesiástica se resume em aprovar e abençoar as escolhas feitas pelo Rei.

Apesar de tudo isso, a Igreja latino-americana continuava a organizar-se. Entre os anos de 1550 e 1600 realizaram-se 11 Concílios provinciais e mais de 70 concílios diocesanos. Em 1553 foram fundadas as Universidades do México e de Lima.

Fundaram-se também seminários maiores e mais de 30 centros de estudos teológicos. Em 1561 são fundadas as dioceses de Yucatan e Vera Cruz; Charcas (1552); Santiago do Chile (1561); Bogotá (1562); Concepción (1564); Córdoba e Tucumán (1570); Arequipa e Trujillo (1577); La Paz, Santa Cruz e Huamanga (1609). Com a criação das dioceses de Durango no México e Buenos Aires, durante o ano de 1620, está pronta a organização eclesial da Cristandade colonial na América Espanhola.

É por essa época que os jesuítas chegam à América espanhola e, infelizmente, é também a época da Chegada do Tribunal da “Santa” Inquisição ao México, Cartagena e Lima.

O “Catolicismo Popular” vai fazendo sua caminhada. As Confrarias leigas, as obras de misericórdia, os hospitais, as ordens terceiras, as irmandades, as associações populares se multiplicam. É o tempo dos primeiros “Quilombos” e das primeiras lutas de resistência contra a opressão. As revoltas de índios cristãos se multiplicam. O “Povo Cristão” já não aceita mais a dominação da Cristandade dos Europeus e dos “criollos” brancos (isto é, descendentes de europeus).

De qualquer forma a Igreja em suas estruturas hierárquicas foi se transformando, salvo algumas exceções, no Aparelho Ideológico de Estado que cria consenso na Sociedade Civil. A hegemonia das classes dominantes precisa da

Igreja para alcançar seus objetivos de dominação na Cristandade das Índias.

3.4- Quarto Período: A Igreja no Século XVII (de 1600 a 1700)

Felipe IV é coroado em 1621. Em 1623 a Cúria Romana pensa em criar a PROPAGANDA FIDE (um Secretariado para as Missões) para poder fazer frente ao Padroado espanhol. Por essa época começa a decadência da hegemonia da Espanha enquanto cresce o poderio da Holanda e, um pouco mais tarde, da Inglaterra.

O Tratado de Paz de Westfália (em 1648) marca o fim da hegemonia da Espanha e de Portugal, marca o fim do capitalismo mercantil e marca o fim do ciclo da mineração.

No Brasil é a época em que começam as “ENTRADAS” ou Bandeiras pelos rios para o interior de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás. Foi a época também em que começaram as missões no Maranhão e no Pará.

Na América Espanhola este é o século das REDUÇÕES: na Venezuela, na Colômbia, no Peru, na Bolívia, no Chile e, por último, as mais famosas de todas: as REDUÇÕES DOS ÍNDIOS GUARANIS do Paraguai, que deixaram para o mundo um exemplo da organização socialista.

De 1600 a 1700 é o século da cultura barroca dos Jesuítas, que se manifesta numa arte complexa e dourada, subjetiva e emotiva, com seus imponentes templos, esculturas, altares e obras literárias. Cresce a autonomia da população “Criolla” em relação à Espanha, o que representa a “proto-história” da Independência.

A “Igreja Criolla” se une a “Igreja Popular” das classes oprimidas, e durante quase 200 anos, ambas lutam lado a lado, contra os espanhóis europeus, os dominadores não nascidos na América.

É também a época das brigas e discussões entre os padres. Os Franciscanos contra os Dominicanos; os Dominicanos contra os Jesuítas e suas Universidades.

Os Religiosos contra o clero secular, e a Igreja, em geral, contra a autoridade civil.

Os desentendimentos surgem por causa do dízimo, das primícias, dos donativos do governo e do “encomenderos”, das taxas cobradas pelos vigários, por causa dos maus costumes do clero, etc. Coisas da “vida cotidiana” de uma Cristandade Americana transplantada (e não nascida aqui), fechada e distante. É a época de grande enriquecimento da Igreja através de heranças: grandes Latifúndios, terrenos e casas na cidade, e muito dinheiro nos “Montes Pios”, que eram uma espécie de banco daquela época.

Entre 1600 e 1700, não há um ano sequer em que não tenha havido alguma revolta indígena, de negros ou de mestiços. Na segunda-feira Santa, dia 22 de março de 1660, milhares de índios que celebravam a Semana Santa se revoltaram na província de Tehuantepec (México). Nesta região havia mais de 150.000 homens recenseados, sem contar os não recenseados, as mulheres e as crianças. Em menos de 5 horas, mais de 200 desses povos pegaram em armas. Com muito esforço, o Bispo “criollo” Cuevas Dávalos (Bispo de Oaxaca) conseguiu evitar uma guerra. O “Povo Cristão” continuava de pé, esperando sua libertação.

Na América Espanhola o Protestantismo era perseguido pela Inquisição. O crime de “Luterano” era um dos piores, e era punido com açoites, cadeia e expulsão do país. Nesta época apenas a Colômbia teve em seu país, por breve tempo, uma pequena colônia de Protestantes alemães.

Foi no Brasil que os Protestantes se fizeram presentes por mais tempo. Primeiro com a colônia huguenotte de Nicolau Durand de Villegagnon no Rio de Janeiro (de 1555-1575), e 2 anos depois com a colônia holandesa em Pernambuco, principalmente com a 2ª invasão, de 1630 até 1654.

O Protestantismo se afirma definitivamente no Caribe. A Inglaterra ocupa Barbados em 1625 e a Jamaica em 1655, implantando ali o anglicanismo renovado de Cromwell. Em 1624 a Inglaterra se apodera das ilhas Bahamas.

A Holanda ocupa o Suriname em 1625 e Curaçao em 1634. A França protestante se apodera da ilha Guadalupe e de Martinica em 1635, do Haiti em

1659 e da ilha Cayenne em 1664. São todas ilhas do mar do Caribe ou Antilhas.

Desta maneira, se o Catolicismo chegou à América com a violência conquistadora do Capitalismo mercantil, o Protestantismo chegou à América com o espírito expansionista do nascente Capitalismo Industrial Anglo-Saxão. Nenhum dos dois está isento de culpa e de responsabilidade. Ambos tiveram em mente um “Modelo” de Cristandade: a Cristandade Católica por parte da Espanha e de Portugal, e a Cristandade Anglicana, Calvinista e outras denominações do Protestantismo Anglo-Saxão.

Assim, na região do Caribe, um povo igualmente oprimido (formado de escravos negros, índios, mestiços e brancos empobrecidos) começou igualmente a efetuar a RECEPÇÃO ORIGINAL E CRIATIVA DO EVANGELHO, com a diferença de que, neste caso, era contra o protestantismo capitalista dominante.

3 . 5 - Quinto Período : Crise da Cristandade das Índias (Século XVIII) (de 1700 a 1800)

Em 1700 começa a guerra pela sucessão na Espanha, que termina com o triunfo dos Bourbons franceses. A Espanha começa a ser governada por reis de origem francesa.

Pelo tratado de Methuen, em 1703, Portugal começa a depender da Inglaterra. A península Ibérica, de centro do mundo, passa agora a ser semi-periferia dos Estados centrais do novo Capitalismo Industrial. Pouco a pouco vai surgindo na Espanha e em Portugal uma classe burguesa comercial, dependente da burguesia industrial anglo-saxônica, que provoca a mudança do “Bloco Histórico” no poder, tanto em Portugal e na Espanha, como nas colônias Americanas. As oligarquias e as burocracias ibéricas ligadas à família dos Habsburgos da cidade de Sevilha (que governaram até 1700) foram substituídas por novas oligarquias e burocracias ligadas à burguesia comercial dependente, com sede na cidade de Cadiz.

A intensificação na exploração de ouro e prata, principalmente no México e no Brasil, a reorganização burocrática das intendências e as melhorias introduzidas na agricultura a partir da Inglaterra, fizeram deste período (de 1700 a 1800) um século de grande crescimento para a América, mas, igualmente, um século de profundas crises.

A primeira metade do século XVIII desenvolve-se quase exclusivamente no Brasil. Corresponde ao “Ciclo Missionário Mineiro”, tendo como centro a cidade de Ouro Preto: O Ouro atraiu muita gente, fazendo com que as áreas de mineração tivessem sua população multiplicada muitas vezes. O “Ciclo Missionário Mineiro” foi de Evangelização leiga, sem a presença de religiosos e sacerdotes. Nesse período predominam as confrarias, as irmandades, os beatos e os santos ermitãos.

Em 1676 são criadas a 2ª e a 3ª Dioceses Brasileiras: Olinda e Rio de Janeiro. Neste mesmo ano Salvador da Bahia é elevada a Arquidiocese. Em 1727 são criadas a 4ª e a 5ª Dioceses no Brasil: São Luiz do Maranhão e Pará, e em 1745 são criadas a 6ª e a 7ª Dioceses brasileiras: São Paulo e Mariana. A 8ª Diocese Brasileira só será criada em 1826, depois da Independência.

Em 1707 foi realizado o primeiro SÍNODO DIOCESANO no Brasil, que promulgou as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. As normas Pastorais aprovadas neste Sínodo irão orientar toda a prática sacramental, evangelizadora e moralizante das dioceses e das paróquias até a República (1889). É o começo do “BRASIL GRANDE”. Esta primeira metade do século XVIII termina, para o Brasil, em 1759, com a expulsão de quase 500 jesuítas do Estado do Maranhão e do Estado do Brasil, por ordem do Marques de Pombal, representante do novo catolicismo iluminista europeu. A expulsão dos Jesuítas foi uma verdadeira ruptura histórica; uma catástrofe.

Na América espanhola, foi a segunda metade do século XVIII que teve maior importância. Começa justamente no ano de 1757, quando Carlos III se torna rei da Espanha e modifica o regime político. Em 1767 os jesuítas são expulsos de toda a América espanhola. Mais de 2.200 jesuítas tiveram que deixar a América

Latina. Como consequência imediata, veio a decadência das REDUÇÕES e a desorganização de todo o SISTEMA ESCOLAR. A cristandade colonial começa agora (depois da expulsão dos jesuítas) a ser tratada como COLÔNIA MESMO. Os espanhóis aumentam todos os impostos e outras opressões sobre os índios, escravos negros, mestiços e criollos.

No dia 20 de novembro de 1761, o índio Santos Canek, líder e chefe dos Mayas, faz o seguinte discurso no início de uma revolta:

“Filhos meus muito amados: Não sei o que vós esperais da pesada carga e da servidão trabalhosa que vos impuseram os espanhóis. Eu estive andando por toda esta região e conversando com muita gente. Pensando bem e considerando com muita atenção a utilidade e o benefício que vos poderia trazer essa vossa submissão a Espanha, não encontro outra que uma pesada e vergonhosa escravidão”.

Agora o “Povo Cristão” oprimido pela Cristandade dos reis da Espanha, já não são apenas os índios, os escravos negros e os mestiços, mas são também as classes médias criollas. A adesão dos criollos ao bloco popular foi um fato importante.

A Virgem de Guadalupe (no México) e a Virgem de Copacabana (do lago Titicaca na Bolívia), que eram até agora as devoções exclusivas dos índios, passam a ser também as devoções dos criollos contra os dominadores espanhóis. As Virgens que acompanham os espanhóis são outras. Nas lutas pela independência os Espanhóis levavam como bandeira a Nossa Senhora dos Remédios do conquistador Fernão Cortês, enquanto que o povo latino americano levava a Virgem de Guadalupe e a Virgem de Copacabana. LUTA DE VIRGENS, LUTA DE CLASSES!

O poder político chega a interferir de tal forma dentro da Igreja, que o governo propõe a REFORMA DA IGREJA e das ORDENS RELIGIOSAS, sem mesmo consultar o Papa. Fortalece-se o Episcopado Regalista (Bispos que obedecem antes ao rei que ao Papa) contra os religiosos (que em geral obedeciam antes ao Papa que ao Rei). Incentiva-se a leitura da Bíblia contra a Teologia Escolástica

(porque esta estava progredindo). Incentiva-se, ainda, a volta a Igreja-primitiva dos Santos Padres. O Clero secular recebia cada dia mais apoio. Os próprios Concílios Provinciais, durante a década de 1770, são incentivados e até convocados pelo governo espanhol, por interesses políticos.

Tudo isso fez com que as tensões internas aumentassem. De um, lado, a cúpula da Igreja, a hierarquia, jurava sempre maior fidelidade ao Padroado real dos reis ibéricos. Do outro lado, o baixo clero, os criollos e o “Povo Cristão” oprimido, aspirava sempre mais por autonomia e liberdade.

O desejo de emancipação e de liberdade era uma aspiração compartilhada por todo o “Catolicismo Popular”. A Revolta dos “Comuneros” na Nova Granada ao levante provocado pelo Inca TUPAC AMARU (condenado em 1781) em todo o vice-reino do Peru, são sinais muito claros de que este “Modelo” de Cristandade, pacientemente estruturado durante 300 anos, chegou ao fim. Logo, logo explodirá e ruirá.

4. SEGUNDA ÉPOCA

A IGREJA NA DEPENDÊNCIA NEO-COLONIAL (1807...)

Se é verdade que a América Latina se emancipou da Espanha e de Portugal no início do Século XIX, não é menos verdade que, na realidade, a independência significou a passagem para uma situação de NEO-COLONIALISMO, sob a dependência do Capitalismo Industrial anglo-saxão (primeiro ingleses e depois norte-americano).

Por isso, quando hoje na América Latina se fala de LIBERTAÇÃO, trata-se, exatamente, dá LIBERTAÇÃO DA DEPENDÊNCIA Capitalista anglo-saxônica. Nem a Ásia, nem a África e nenhum país do mundo sofre uma agressão tão direta, desavergonhada e cruel por parte das potencias capitalistas anglo-saxônicas, como a América Latina vem sofrendo.

4.1- Primeiro Período:

A Igreja na Emancipação Nacional (1807 - 1831)

Em 1807 Napoleão invade Portugal e pouco depois a Espanha. Com este fato começa o processo de emancipação das nações latino-americanas.

A luta pela independência das nações latino-americanas se dá entre o ano de 1807, quando Napoleão invade a península ibérica, e o ano de 1831, quando o Papa Gregório XVI nomeia os 6 primeiros Bispos residenciais para a América Latina (até esta data, todos os Bispos tanto do Brasil como da América espanhola, haviam sido indicados e escolhidos pelo governo; apesar do papa ter nomeado estes 6 Bispos, o costume do governo indicá-los continua, no Brasil, até 1890).

A cristandade colonial entra em contradição em seu próprio seio: os Bispos regalistas estarão sempre mais contra o baixo clero patriota e anti-espanhol. Os religiosos, durante o processo de emancipação, tomarão em armas, produzindo uma Teologia da Libertação prática.

Para compreender melhor todo o processo, é bom recordar que foram, ao todo, cinco ciclos emancipatórios, com características diferentes e dentro de três momentos diferentes.

Num PRIMEIRO MOMENTO (de 1807 a 1814), a rebelião é contra Napoleão e a favor do rei Fernando VII. Os criollos tomam o poder na América e expulsam vários Bispos regalistas.

Num SEGUNDO MOMENTO (de 1814 a 1816), Fernando VII volta ao Poder na Espanha e reconquista o poder real sobre as Colônias americanas. O Papa Pio VII apóia o rei condenando as lutas pela Independência, através da Encíclica “Etsi Longissimo”, de 30 de janeiro de 1816.

O TERCEIRO MOMENTO (de 1816 a 1824) é de luta contra o rei mesmo e termina com a Independência da maioria das nações latino-americanas. O Papa Leso XII, através da Encíclica “Etsi iam diu”, de 21, de setembro de 1824 condena a independência e exige obediência ao rei da Espanha e de Portugal. Erros históricos

como este tem conseqüências graves, e neste caso, produziu uma crise irreversível na Cristandade colonial.

Os processos emancipatórios da região do Prata e da Gran-Colômbia são muito semelhantes. A partir do Rio da Prata para o Norte, San Martín apoiado pelo baixo clero e religiosos e tendo contra a maioria dos Bispos, proclama a independência da Argentina, Chile e Peru. A partir da Venezuela, vindo do Norte para o Sul, Simon Bolívar liberta a Venezuela, a Colômbia, o Equador e a Bolívia. Estes países tornaram-se independentes entre os anos 1810 e 1821.

Entre 1810 e 1815, o Pe. Hidalgo e depois o Pe. Morelos, comandam a luta contra os criollos e contra os espanhóis no México. São derrotados. Mas em 1821, Itúrbide consegue proclamar a dependência do México e da América Central.

O Brasil, por sua vez, segue outro caminho. O rei de Portugal, D. João VI teve que fugir de Portugal por causa de Napoleão, chegando ao Rio de Janeiro no ano de 1808. Durante a permanência do Rei, o Rio de Janeiro, torna-se a Capital do Reino de Portugal. Por isso o Brasil não teve, propriamente, guerras de independência, embora heróis como Tiradentes e outros, mostrem que o desejo de independência já vinha de muito tempo.

Quando D. Pedro I deu o grito de “INDEPENDÊNCIA OU MORTE” a 7 de setembro de 1822, o Brasil tornou-se independente de Portugal, sem, contudo, mexer na forma de governo; o Brasil era monarquia antes da Independência e continuou monarquia depois da Independência, até a Proclamação da República em 1889.

A Igreja sofreu muito menos este processo emancipatório nos países Latino-americanos de fala espanhol. No Brasil, o período imperial (de 1822 a 1889) foi terrível para a Igreja, um dos piores de toda sua história.

O processo emancipatório das Ilhas do Caribe (as Antilhas) é mais complexo. Teve início no século XIX, mas não terminou ainda; Belize e outras colônias sob o controle das potências capitalistas; estão esperando por Independência. Santo Domingo e Haiti foram as duas nações antilhanas que

primeiro alcançaram sua independência. Cuba e Porto Rico somente alcançaram sua independência em 1898; infelizmente caíram nas mãos dos Estados Unidos. As demais colônias do Caribe terão que sofrer ainda durante muitos anos a exploração e a dominação inglesa, francesa, holandesa e até a dinamarquesa.

Logo após a Independência, os novos governos latino-americanos tentaram, imediatamente, organizar o PADROADO nacional sobre a Igreja nas novas nações. Na maioria dos casos conseguiram seu objetivo, mesmo contra a vontade da Cria Romana.

As guerras de Independência na América Latina desarticularam a Cristandade: fechou seminários, incendiou bibliotecas, desorganizou conventos e até impediu a vinda de novos missionários e educadores religiosos da Europa.

O importante, porém, é que o “POVO CRISTÃO” identificava a luta de Libertação com sua própria FÉ e com sua vivência cristã dentro do Catolicismo Popular. Não tinha problemas de consciência por causa disto. Mas não aconteceu a mesma coisa com a nova classe crioula que assumiu o poder: os LIBERAIS (classe capitalista comercial articulada com o capitalismo industrial anglo-saxão).

4.2- Segundo Período

A Igreja e a Organização Nacional (1920-1850)

A classe liberal, formada principalmente pela oligarquia comercial que articulava a dependência e pela classe conservadora dos latifundiários (ambas exportando produtos agrícolas tropicais e minérios) é a que forma os novos governos e os novos estados neo-coloniais que cumprem o pacto neo-colonial. Vendem matérias primas e compram produtos manufaturados.

É o tempo de D. Pedro II (1840-1889) no Brasil; de Santa Ana e outros governos passageiros no México (1824-1857); da destruição da unidade Centro-Americana (1831); da instabilidade colombiana depois da morte de Bolívar (1830); de Antônio Pérez na Venezuela (1829-1846); de Rosas na Argentina (1835- 1852); de Flores e depois Rocafuerte e Garcia Moreno no Equador (até 1860).

Foi em 1823, através da fracassada “Missão MUZI”, enviada pelo Papa para tentar resolver problemas entre Igreja e Estado (especialmente no Chile) que Roma toma o primeiro contato direto com a realidade da Igreja Latino-americana. Em 1825 Simon Bolívar envia a Roma uma Embaixada da Gran-Colômbia, para negociar com Roma e tentar reatar relações que estavam interrompidas desde 1810. Por essa época o Papa consegue nomear alguns Bispos “residenciais”; porém as relações entre Roma e as novas nações Latino-americanas tornam-se cada dia mais tensas.

Assim a Igreja (muito unida ao bloco conservador e preocupada em defender suas grandes riquezas - principalmente terras) viu-se de repente ameaçada pela SECULARIZAÇÃO e EXPROPRIAÇÃO de seus bens por iniciativa dos LIBERAIS, que tinham uma concepção mais capitalista do desenvolvimento nacional.

Este SEGUNDO PERÍODO vai, mais ou menos, até o ano 1850, data em que a maioria dos países latino-americanos já tem os LIBERAIS no Poder. Na Colômbia os Liberais assumem o poder em 1849; no Uruguai, através do partido Colorado, em 1852; no México, com Juárez em 1857; na Argentina, com Mitre em 1860; no Chile, com Pérez em 1861 e no Brasil em 1870.

Isso significa uma reviravolta, isto é, o Estado Liberal não dá mais condições para que a Igreja cumpra o “Modelo” de Cristandade; e mais: o Estado Liberal tanta criar uma hegemonia ideológica “ANTI-ECLESIAL”.

Ao lado de todos esses problemas surge ainda uma crise missionária na Europa, provocada pela revolução social em pleno andamento. Somente mais tarde, com a RESTAURAÇÃO é que a crise começa a ser superada, dando início a uma NOVA ÉPOCA.

Assim, em 1858 é fundado em Roma, por Pio IX, o COLÉGIO PIO-LATINO AMERICANO, no qual se formarão a maior parte dos futuros Bispos do final do século XIX.

A partir de 1850, as congregações religiosas, especialmente as voltadas

para a Educação Escolar, começam a se implantar em grande número na América Latina. Estes fatos provocaram a ROMANIZAÇÃO da Igreja Latino-americana, que até essa época havia dependido de fato de Portugal e da Espanha.

Outro fato importante deu-se em 1848, quando os Estados Unidos se apossaram violentamente de todo o Norte do México (Texas, Novo México, Arizona e Califórnia) iniciando a ocupação do FAR WEST (o Oeste distante). Foi nessa região de fala espanhola e ocupada pelos Norte-americanos, que nasceu a IGREJA “CHICANA”, dominada pelo catolicismo anglo-norte americano, suportando Bispos franceses e norte-americanos, tendo que assistir a excomunhão de seus sacerdotes mexicanos e sendo até proibida de expressar-se em sua língua (o espanhol) e em sua cultura. E isso durou até depois do ano de 1960.

4.3- Terceiro Período (1880 - 1930) **A Igreja e a Dependência do Imperialismo**

Por volta dos anos 1870-1880, produziu-se uma mudança fundamental nas potências centrais do Capitalismo; fato este que provocou uma nova articulação da realidade Latino americana e influenciou a Igreja, criando espaços para uma lenta mas sempre crescente presença de Protestantes.

O IMPERIALISMO (que é o novo “rosto” do desenvolvimento do Capitalismo) como forma de concentração monopolista de capital financeiro e industrial, invade agora a América Latina de maneira sistemática e organizada. Com a construção das estradas de ferro, penetra também o “NOVO ESPÍRITO EMPRESARIAL”.

O LIBERALISMO, como classe fundamentalmente dependente, alcança uma hegemonia indiscutível e consegue estruturar o Estado Neo-colonial.

As “Massas Populares”, os conservadores, o “Liberalismo” de mercado interno (e não o capitalismo de importação, que só consegue um breve predomínio no Paraguai, mas será destruído em 1870) e a própria Igreja, ficam na

defensiva, com um pé atrás, na resistência, a espera da próxima etapa histórica.

A CLASSE DOMINANTE É LIBERAL. A CLASSE DOMINADA (incluindo a Igreja) É CONSERVADORA. A partir daqui compreende-se porque o POSITIVISMO (que é uma ideologia progressista) se tornou a ideologia de combate nas mãos da nova classe dominante.

A IGREJA, nesse momento, não tem nenhuma resposta adequada (nem Teológica e nem Pastoral) para enfrentar o avanço desta nova ideologia. Estes anos de domínio Liberal são a época de Porfírio Díaz no México (1876-1910); dos republicanos brasileiros (a partir de 1870); do governo de Roca na Argentina (desde 1880), Isso só para mencionar os três países melhor articulados dentro da expansão imperialista anglo-saxão.

É verdade também que nestes anos se celebrou o CONCÍLIO PLENÁRIO LATINO-AMERICANO em Roma, no ano de 1899, sob o Papado de Leão XIII, no qual participaram 13 arcebispos e 41 Bispos da América Latina. Contudo, o lugar escolhido para sua realização, a exagerada influência do Direito Canônico Romano e a preparação do Concílio por teólogos exclusivamente europeus, fez deste grande acontecimento um ato “mais formal do que de real eficácia Pastoral”. Predominou neste Concílio a preocupação de “conservar a Fé”, defendê-la e protegê-la. O que não deixava de ser uma nítida posição conservadora e retrógrada.

Em todos os casos houve um novo momento de entusiasmo missionário. Desde 1860 os franciscanos e capuchinhos evangelizavam na Amazônia. Em 1880 vieram também os dominicanos trabalhar nas missões. Desde 1895 o Papa Leão XIII incentiva as missões andinas do Peru. Em 1879 os salesianos chegam a Argentina e iniciam a evangelização da Patagônia, na mesma época em que o general Roca invadia o deserto Patagônico “assassinando índios”. A Colômbia, onde a renovação missionária já iniciado em 1840, recebe os Agustinianos (1890), os Montfortianos (1903), os Lazaristas (1905); os Claretianos (1908) e os Carmelitas e Jesuítas em 1918.

O PROTESTANTISMO, por sua vez, lança fortes raízes na América Latina.

Podemos considerar três etapas principais:

- até 1880, há apenas grupos dispersos de protestantes;
- de 1880 a 1916, período de implantação sistemática;
- de 1916 a 1930, o Protestantismo lança suas raízes.

Em 1820 foi celebrado o primeiro culto protestante na Argentina. Em 1825 chegaram 250 escoceses anglicanos a Buenos Aires e várias capelas protestantes são construídas. Em 1836 a Argentina recebe os Metodistas, de procedência Norte-Americana.

No BRASIL a primeira capela Anglicana é construída em 1819. Em 1824 chegaram as primeiras comunidades Luteranas alemãs que se instalam em Santa Catarina. Um pouco mais tarde chegam os Valdenses que se instalam no Uruguai. Desta maneira os protestantes vão se fazendo presentes em toda a América Latina.

Mas a etapa de grande expansão do PROTESTANTISMO co-meça com a chegada das primeiras “SOCIEDADES DE MISSÕES”. Os Metodistas entram no México em 1871, no Brasil em 1876, nas Antilhas em 1890, e rapidamente se espalham pelo continente.

Os Presbiterianos entram no Brasil em 1860, na Argentina em 1866, no México em 1872, na Guatemala em 1882,...

Os Batistas entram no Brasil em 1881, na Argentina em 1886, no Chile em 1888. Em 1900 as SOCIEDADES DE MISSÕES tinham mais de 100.000 membros na América Latina. Com os congressos do Panamá em 1916, de Montevideu em 1925 e com o Congresso de Havana de 1929, o PROTESTANTISMO “assumiu a realidade Latino-Americana”.

4.4- Quarto Período: A Igreja diante do Populismo (1930 -)

A grande crise mundial de 1929 e a luta pela hegemonia no centro do

Capitalismo (Estados Unidos contra a Inglaterra; no fundo as 2 grandes guerras foram entre estes 2 países, embora se tenha a impressão que a culpa é da Alemanha) destrói em grande parte o Pacto neo-colonial inglês e enfraquece a classe Liberal importadora.

Foi nesse momento que surgiu uma NOVA CLASSE: a BURGUESIA NACIONAL INDUSTRIAL LATINO AMERICANA. Esta nova classe se situa na mesma linha dos Liberais de “Mercado Interno”, dos grupos de artesãos e dos latifundiários conservadores (não exportadores).

Um novo “BLOCO HISTÓRICO” assume o PODER: é o “POPULISMO LATINO AMERICANO”. As grandes preocupações desta nova burguesia nacionalista eram de ordem interna, e nisso não entrava em conflito com a Igreja; além do mais, seus inimigos conjunturais eram as potências do capitalismo industrial da Inglaterra e dos Estados Unidos.

A nova classe dominante vê na Igreja uma aliada natural, já que durante o período de hegemonia dos Liberais, a Igreja havia sido “anti-liberal” e nacionalista. Tudo isso combinava muito bem com a ideologia populista.

Os POPULISMOS Latino Americanos voltam a propor um novo “Modelo” de Igreja-Cristandade. E isto se realizou com Getúlio Vargas no Brasil (a partir de 1930); realizou-se com Perón na Argentina (a partir de 1945) e falhou no México por causa da revolta dos “CRISTEROS” que acabaram provocando um novo enfrentamento entre Igreja e Estado, entre 1926 e 1934.

Por isso falamos de um período de NOVA CRISTANDADE entre os anos 1930 e 1962. De fato, os Estados Populistas (assim chamados porque embora tenham um projeto Capitalista, este é de autonomia nacionalista e fundamentado no desenvolvimentismo do operariado e do campesinado) deram chance a Igreja de conquistar novamente as ruas e as praças das cidades, promover Congressos Eucarísticos, ensinar religião católica nas escolas públicas (que estava proibido desde 1880) e influenciar em quase todos os setores da sociedade.

Porém o grande fenômeno religioso da nova Cristandade foi a gigantesca

organização conhecida como AÇÃO CATÓLICA. Criada e nascida por sugestão do Papa, desenvolveu-se inicialmente na Itália Populista e Fascista de Mussolini. A Ação Católica espalhou-se rapidamente pelo mundo todo. Em 1929 entra em Cuba; em 1930 na Argentina; em 1933 no Brasil; em 1934 no Uruguai; em 1935 na Costa Rica e Peru; em 1938 na Bolívia; alguns anos mais tarde estava presente em toda a América Latina.

Com a AÇÃO CATÓLICA, a Igreja pôs todo o seu interesse e preocupação na pequena burguesia, que começou a ter um papel político e cultural importante, tanto nos populismos latino-americanos como nos fascismos europeus.

A AÇÃO CATÓLICA provoca e produz uma renovação intelectual importante, em grande parte inspirada no filósofo cristão contemporâneo Jacques Maritain. Nesta linha do novo pensamento cristão aparecem, no Brasil, primeiro Jackson de Figueiredo e depois a grande figura de Alceu Amoroso Lima (falecido durante o ano de 1983). Isso para citar alguns nomes. Igualmente na Argentina e no México, intelectuais anti-positivistas formaram uma brilhante geração de intelectuais que brilharam e renovaram o pensamento cristão nos seus países, após 1945.

Dentro dessa idéia de nova Cristandade fundam-se as novas Universidades Católicas (pois as antigas universidades católicas da época colonial haviam sido nacionalizadas pelos Liberais no período “pós-independência”). Foi assim que nasceram as Pontifícias Universidades Católicas: a Xaveriana em Bogotá (1937); a de Medellín (1945); a de São Paulo (1947); a de Porto Alegre (1950); a de Campinas (1956); a de Córdoba e Buenos Aires (1960); a de Valparaíso no Chile (1961), e assim dezenas e dezenas de centros cristãos especializados.

No campo social formam-se igualmente, novos quadros. Nasce o Sindicalismo Cristão (no Brasil ficaram célebres os Círculos Operários), os centros de estudo e os centros de investigação social, principalmente nos anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial. A JOC se desenvolve extraordinariamente, especialmente no Brasil, entre os anos 1960 e 1964. A JAC (Juventude Agrária Católica) também teve grande desenvolvimento.

4.5- Quinto Período: (de 1964 em diante)

Igreja, Desenvolvimento e Segurança Nacional

Este Período, por ser atual e por ter uma importância muito especial, será estudado em três etapas:

- Na PRIMEIRA PARTE (de 1955 a 1966) estudaremos o desenvolvimento propriamente dito; quer dizer: estudaremos o novo modelo de desenvolvimento que exigiu a vinda de muito capital (dinheiro) e tecnologia norte-americana e européia;
- Na SEGUNDA PARTE (de 1964 a 1976) faremos uma reflexão sobre as cruéis ditaduras que se abateram sobre toda a América Latina através de golpes militares e da implantação dos Estados de Segurança Nacional;
- Na TERCEIRA PARTE (de 1970 em diante); esta terceira fase começa quando a “Doutrina da TRILATERAL” propõe novos modelos de desenvolvimento: Neo-populistas, social democracias e volta à Segurança Nacional

4.5.1- O Desenvolvimentismo: (1955 a 1966)

Democracia Cristã e Renovação Eclesial

Bastaram dez anos depois da Guerra, isto é: de 1945 a 1955, para que os Estados Unidos impusessem sua hegemonia absoluta sobre a Europa (através do milagre alemão) e sobre a Ásia (através do milagre Japonês).

Lançando um olhar para a periferia do mundo, os Estados Unidos se deram conta de que na América Latina havia governos de capitalismo nacionalista. Ora, o “Nacionalismo” era visto pelos Estados Unidos como o inimigo principal do Capitalismo expansionista, mais tarde chamado de CAPITALISMO MULTINACIONAL e até de TRANSNACIONAL.

Percebe-se, então, que não foi por acaso que os governos populistas da América Latina começaram a cair um após o outro. Em 1954 cai Getúlio Vargas;

em 1955 cai Perón, na Argentina; em 1957 cai Rojas Pinilla na Colômbia; em 1957 cai também Perez Gimenez na Venezuela embora em contexto diferente, em 1959 cai Fulgêncio Batista em Cuba.

No lugar desses governos populistas sobem ao poder governos “DESENVOLVIMENTISTAS” que inauguram a era da DEPENDÊNCIA TOTAL dos Países Latino Americanos do Capitalismo Norte americano e europeu. Vejam: em 1956 sobe Kubitschek no Brasil; em 1957 sobe Frondizi na Argentina; em 1958 sobe Lopes Mateos no México; em 1959 sobe Betancourt e a democracia cristã na Venezuela; em 1964 sobe Frei no Chile e em 1969 sobe Calderas na Venezuela. Todos estes governos são democráticos apenas de fachada. É a era das Democracias “aparentes”.

No meio de toda esta agitação política, a Igreja está preocupada, mas é com sua RENOVAÇÃO. Um novo “Modelo” de Igreja está nascendo. É uma época de profundas transformações: Renovação Litúrgica, Renovação Catequética, Renovação Pastoral. A Renovação Teológica, contudo, continua seguindo modelos europeus. Para os Leigos a Igreja continua recomendando a Ação Católica e no Campo Política tem uma preferência muito especial pela Democracia Cristã.

Por essa época a Igreja do Chile é apontada como exemplo e guia a ser seguido no campo da renovação eclesial. O Bispo D. Manuel Larrain é “o modelo” de Bispo e modelo da nova Igreja.

É o tempo do crescimento e da organização da Igreja. Em 1955 realiza-se a 1ª Conferência Geral do Episcopado Latino Americano no Rio de Janeiro; foi nessa Conferência que se deu a criação do CELAM (Conselho Episcopal Latino Americano). Em 1958 é fundada a CLAR (Confederação Latino Americana de religiosos.); em 1958 é a vez da OSLAM (Organização de Seminários Latino-Americanos); em 1953 é criada a Conferência da Federação internacional da Juventude Católica; em 1959 nasce o centro de Informações da JOC; em 1951 o MFC (Movimento Familiar Cristão); e assim poderíamos nomear outras muitas siglas que nos informariam da quantidade de organizações que nasceram e se desenvolveram neste fértil período da História da Igreja. Merecem especial

destaque os inúmeros centros de formação católica que nasceram nesta época: centenas de escolas católicas e dezenas de universidades católicas, além de centros de imprensa católica, centros de Catequese, centros de Pastoral, Sindicatos Cristãos, etc.

Havia um grande otimismo quanto a possibilidade de uma influência sempre maior da Igreja na sociedade. De 1962 a 1965, a Igreja Latino Americana participa do Concílio Ecumênico Vaticano II; mas sua participação foi muito mais de espectadora e observadora do que de atora e criadora. Durante o Concílio a Igreja Latino Americana toma consciência que para 186.000.000 católicos havia apenas 39.000 padres, o que dá uma proporção de 4.700 fiéis para cada padre. As questões mais angustiantes dos Bispos Latino Americanos são: a falta de padres, o avanço do comunismo e a grande penetração do protestantismo evangelista no meio do povo.

Os PROTESTANTES tiveram, de fato, um grande crescimento. Em 1936 as Igrejas Protestantes tinham 2.400.000 membros, e em 1960, esse número tinha ultrapassado 10.000.000. Começa a época do protestantismo ecumênico e o tempo do surgimento dos organismos de coordenação a nível Latino-americano.

4.5.2- A Segurança Nacional A Igreja Sob as Ditaduras

Diante do receio de que essas democracias (embora a parentes) DESENVOLVIMENTISTAS começassem por escutar o povo cada vez mais reprimido pelo capitalismo dependente dos Norte americanos, os países centrais do capitalismo provocam o surgimento de um novo “modelo de governo”: AS DITADURAS MILITARES. Essas ditaduras vão criar condições para que a Capitalismo continue se desenvolvendo, mas agora, sem Democracia.

O Brasil marca o começo. No dia 31 de março de 1964 dá-se o golpe militar no Brasil; em 1971 na Bolívia; em 1973 no Uruguai; ainda em 1973, após o assassinato de Allende, Pinochet assume o poder no Chile; em 1975 golpe militar no Peru e sobe o general Moráles Bermúdez; em 1976 no Equador; e ainda em

1976, golpe militar na Argentina, sobe o general Videla.

Sobre toda a América Latina caiu o manto negro da repressão, da perseguição e da tortura. São os anos do cativo. É durante essa época que a Igreja fará suas mais profundas experiências de Fé, desde que chegou à América.

O término do Concílio Vaticano II (1965) e a 2ª Conferência Geral do Episcopado Latino Americano em Medellín (1968) são os marcos que separam a Igreja DESENVOLVIMENTISTA da Igreja da LIBERTAÇÃO. A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO nasceu junto com a crescente consciência de compromisso político em favor dos oprimidos. Povo oprimido pelo Desenvolvimentismo, pelo Capitalismo dependente e agora, por Ditaduras cruéis, ferozes e sanguinárias.

De 1964 a 1968 é tempo de crescimento e preparação da Igreja de LIBERTAÇÃO. De 1968 a 1972 (especialmente depois de Medellín) a Igreja entra num período de profunda criatividade, de compromisso concreto com o povo, de movimentos proféticos que manifestam uma nova experiência de viver o Cristianismo.

Nascem e se desenvolvem as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e surge o Instituto de Pastoral (IPLA) do CELAM.

O primeiro mártir dessa nova Igreja profética foi o Pe. Antônio Pereira Neto; cruelmente torturado, perfurado de balas e por fim enforcado numa árvore por forças paramilitares de direita, no Recife em 1969. Depois vieram as mortes dos Padres Rodolfo Lukenbein e João Bosco Burnier; o seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito e centenas de outros mártires que deram sua vida para TESTEMUNHAR O EVANGELHO. No dia 24 de março de 1980 foi martirizado o Bispo D. Oscar Romero. Foi, porém, durante esta gigantesca perseguição, que foi nascendo, lentamente, um novo “Modelo” de Igreja.

Em 1973 os Bispos do Nordeste Brasileiro lançam o documento: “Ouvi os clamores do meu povo”. Trata-se da formulação de uma Igreja Popular, de uma Igreja que assume as causas do povo, uma Igreja que nasce DO POVO por inspiração do Espírito Santo. O povo começou a dizer sua palavra; tem sua

Pastoral, sua Teologia, seus Bispos e seus Pastores.

Foi durante esta difícil etapa, de 1972 a 1976, que a Igreja viveu sua etapa de conversão, onde a espiritualidade do martírio fazia parte do dia-a-dia da vida. Agora, sim, nos Sínodos Romanos de 1971 em diante, a Igreja Latino Americana pode manifestar-se, tendo uma palavra própria para dizer. Mas ao mesmo tempo, é o longo caminho da cruz.

4.5.3 - IGREJA E OS NOVOS MODELOS DE CAPITALISMO DEPENDENTE (1976-...)

Desde a queda, dos populismos (1955) o Capitalismo latino-americano não pode ser senão dependente e repressivo. Mas as Ditaduras “DURAS”, como a Brasileira e a Chilena, se desgastam. O Presidente Carter propõe, então, um “abrandamento”, através da defesa dos Direitos Humanos e do retorno gradual à Democracia. O Presidente Reagan (a partir de 1980) prega o retorno a repressão popular.

São modelos flutuantes (ensaios) de um período histórico no qual a dependência capitalista impede o desenvolvimento das nações latino americanas, pela continuada retirada (=roubo) de capitais (e recursos) e pela desmobilização das classes oprimidas (pela repressão, pelo desemprego; etc).

O problema do Direito ao Trabalho e À VIDA, que são temas teológicos centrais do momento, mostram que há uma profunda crise estrutural do Capitalismo latino americano.

E a Igreja está dividida. De um lado, o “Modelo” desenvolvimentista da Nova-Cristandade se esforça, aliando-se à Democracia Cristã e às Sociais Democracias, por renovar a Igreja latino americana nos moldes da Igreja européia, com sua Teologia, sua Pastoral, etc. De outro lado, o “Modelo” de Igreja dos Pobres ou IGREJA POPULAR, se esforça por comprometer-se sempre mais com o povo pobre, oprimido e faminto, criando por isso uma nova Pastoral, uma nova Teologia, etc. Estes dois Modelos de Igreja levam a duas maneiras de posicionar-se frente à realidade. E estas posições apareceram muito claramente na 3ª

Conferência Geral do Episcopado reunido em Puebla, no ano de 1979. E hoje em dia cada um desses Modelos de Igreja está seguindo o seu caminho.

Atualmente, é a Igreja do Brasil que aponta o caminho para a Igreja latino americana. Com suas mais de 100.000 Comunidades Eclesiais de Base, com seus Bispos comprometidos com as causas do povo, como: defesa da terra dos agricultores, defesa dos direitos dos índios, apoio às greves e reivindicações operárias, e além disso, criando espaço para a organização política e para crítica por parte dos intelectuais, a Igreja no Brasil cumpre uma tarefa profética muito especial.

Igualmente os protestantes, que já faziam sentir a sua presença na sociedade latino americana através de organismos como: ISAL, ULAJE, CELADEC e outros, se posicionam responsavelmente diante da crise, durante o Congresso Latino Americano de Evangelização, realizado em Bogotá em 1969.

Pouco mais tarde, na Conferência Evangélica Latino Americana III (CELA III), chegam a definições muito claras no campo político, social e econômico. O Protestantismo torna-se agora LATINO AMERICANO, com personalidade própria dentro do Protestantismo mundial.

A Assembléia das Igrejas de Oaxtepec (1978) substituiu a União Evangélica Latino Americana (UNELAM) pela Conferência das Igrejas (CLAI), significando a presença crescente de membros conservadores diante do profetismo dos movimentos ecumênicos.

5. TERCEIRA ÉPOCA: PARA ALÉM DO CAPITALISMO: (1959 - ...)

Toda periodização histórica tem algo de artificial. Além disso, os fenômenos históricos não acontecem ao mesmo tempo em todo o mundo. As lutas pela Independência, por exemplo, começaram por volta do ano de 1800, no

Haiti, e continuam até hoje no Belize, que ainda não conseguiu sua Independência. Quer dizer que Belize ainda não entrou na SEGUNDA ÉPOCA (a época do Neo-colonialismo).

Assim também, enquanto a maioria dos latino-americanos continuam vivendo o seu cristianismo dentro de um contexto capitalista, já há alguns cristãos vivendo dentro de um contexto NÃO MAIS CAPITALISTA, mas “PÓS-CAPITALISTA”, enfrentando problemas, situações, estruturas novas, desconcertantes e até hoje desconhecidas.

Com efeito, na América Latina os cristãos participam de uma revolução lenta, crescente, esporádica e oculta - contra o capitalismo dependente. Isso é mais claramente sentido no Caribe e na América Central. Para terminar, tomaremos dois exemplos de países que estão se libertando do capitalismo dependente e começam a viver a “TERCEIRA” ÉPOCA, a do “PÓS-CAPITALISMO”.

5.1- A Igreja em Cuba

Cuba foi descoberta por Colombo em 1492. Foi colônia da Espanha até 1898, quando caiu nas mãos dos Estados Unidos. Em 1954 Fulgêncio Batista (que já mandava em Cuba desde 1933) é eleito presidente. Em 1956 o advogado Fidel Castro começa a luta contra o Ditador Batista, na Sierra Maestra. Fidel e seus revolucionários não eram tão mal vistos como muitas vezes se acha. O Arcebispo de Santiago de Cuba, falecido antes da vitória da Revolução, disse antes de morrer, referindo-se aos revolucionários: “Tudo isso que está acontecendo é providencial. Nós acreditávamos mais em nossos colégios católicos do que em Jesus Cristo”.

No dia 8 de janeiro de 1959, Fidei com seus revolucionários são triunfalmente recebidos em Havana. Neste mesmo mês de janeiro, em Roma, o Papa João XXIII anunciava ao mundo sua intenção de convocar um Concílio Ecumênico. Certamente a Igreja cubana, naquele momento, não tinha consciência de que estava entrando, sem estar preparada, numa NOVA ÉPOCA HISTÓRICA.

A primeira fase da revolução pode ser chamada de democrática-humanista.

O Arcebispo de Santiago de Cuba não concorda com os fuzilamentos e, em 29 de janeiro, lança uma Carta Pastoral contra isso. Em 17 de maio de 1959 é decretada a Lei de REFORMA AGRÁRIA; isso atinge os interesses da propriedade privada dos norte-americanos, donos de 40% de todas as terras cultiváveis de Cuba. O confronto é sério, mas Castro não afrouxa e não se rende. É aí que ele percebe que os únicos que o apóiam para um processo autenticamente revolucionário são seus amigos, como Che Guevara e outros. Até esse momento, Castro não havia optado pelo SOCIALISMO. Ia fazê-lo aos poucos.

Por isso, em novembro de 1959, o Congresso Católico, convocado em Havana, exclamava: “QUEREMOS UMA CUBA CATÓLICA!”. E gritavam também: “CUBA SIM, RÚSSIA NÃO!”. O Catolicismo de 1959 era um catolicismo de Ação Católica, de democracia crista, de sindicalismo cristão. No melhor dos casos, pequeno burguês e reformista. Porém, tinha uma clareza absoluta acerca de sua posição frente ao SOCIALISMO e ao MARXISMO.

Diante dessa atitude de frontal oposição da Igreja, em 27 de julho de 1960, Castro lança um discurso decisivo: “Quem é anticomunista, é antirrevolucionário”. Agora as coisas estão claras. E isso aconteceu um ano e meio após a revolução! Hoje a situação já é diferente; por exemplo, já se passaram 4 anos da Revolução Nicaragüense, e não houve ainda necessidade de tal ruptura. Houve amadurecimento dos dois lados: do lado dos cristãos e do lado dos socialistas.

Em 1961 acontece a invasão da Baía dos Porcos por exilados cubanos anti-castristas apoiados pela CIA e a mando do presidente católico Kennedy. A Igreja se alinha integralmente no campo anti-socialista e anti-castrista e a maioria do clero e das religiosas abandona a ilha. Diante disso Fidel, num pronunciamento, disse: “os padres estão aliados com o roubo, com o crime e com a mentira. Eles são hoje a quinta coluna da contra-revolução”.

De 1961 a 1968, falou-se em Igreja do silêncio, uma Igreja que ficou traumatizada e que não pode compreender o que aconteceu. Parece que até hoje, essa Igreja não compreendeu o que se passou. Em Havana, no Seminário Católico, ninguém conhece a Teologia da Libertação; e são seminaristas adultos! O

catolicismo de Cuba está isolado da América Latina, e a única ligação que tem é com um país europeu, que se chama Roma! E Roma controla a Igreja de Cuba, isolando-a no abstrato!

De 1961 a 1968 foi um tempo de ruptura, de incompreensão total; de ambos os lados. A Igreja teimando num conservadorismo capitalista injustificável. O partido no poder teimando em não abrir mão do marxismo dogmático importado; igualmente injustificável.

Monsenhor Cesar Zacchi, delegado apostólico de Roma, consegue construir algumas pontes entre a Igreja e o Partido no Poder. Mas a grande virada vem com o Concílio Vaticano II (de 1962 a 1965) e com a Conferência de Medellín (em 1968). Estes dois acontecimentos renovaram a face da Igreja.

Fidel Castro reconhece essa virada da Igreja. Assim em 1968, Fidel perante 500 intelectuais reunidos em Havana, diz: “Sem dúvida nenhuma nós nos encontramos diante de fatos novos. Enquanto setores do clero tornam-se forças revolucionárias — e eu neste momento estou me Lembrando do P. Camilo Torres e outros — nós temos que resignar-nos a assistir setores do marxismo que se tornam forças conservadoras! São as contradições da história!” Enquanto isso Monsenhor Cesar Zacchi fala aos cristãos: “A Igreja deveria começar a preocupar-se em descobrir o lugar que ela deve ocupar na nova sociedade socialista!”

A Igreja Cubana, pouco a pouco, vai assumindo sua realidade e tomando posições. Em abril de 1969, diante do bloqueio de Cuba comandado pelos Estados Unidos, o Episcopado cubano se coloca do lado de Cuba, criticando o bloqueio. “Buscando o bem de nosso povo e fiéis ao serviço dos mais pobres, conforme o mandato de Jesus Cristo e o compromisso proclamado em Medellín, DENUNCIAMOS ESTA INJUSTA SITUAÇÃO DE BLOQUEIO, QUE CONTRIBUI PARA AUMENTAR OS SOFRIMENTOS!” E em Setembro desse mesmo ano, dão a conhecer outro comunicado: “Esta é uma hora em que, como em todas as horas, temos de saber descobrir a presença do Reino de Deus no meio dos aspectos positivos da crise. Existe um campo enorme de compromisso comum entre todos os homens, entre os ateus e os crentes!”

Era a lenta abertura da Igreja cubana. Infelizmente não cresceu muito mais. Dez anos depois, em 1979, durante a Conferência de Puebla, os cristãos propunham uma linha e os Bispos apresentavam outra. A Igreja Cubana não estava prepara da para essa revolução, e até agora não propôs nada praticamente. Há cristãos que são capazes de colaborar e frequentemente estão no processo revolucionário. Mas são poucos e, sobretudo, não o podem fazer estruturalmente.

Há também os defeitos do socialismo cubano. O Partido Comunista Cubano é ateu, materialista e sem NENHUMA FLEXIBILIDADE, sem NENHUMA REFLEXÃO TEÓRICA. A revolução cubana foi uma grande revolução: fez o povo participar da riqueza que produz. Porém, quanto à postura, que poderia ter levado a uma mútua compreensão entre cristãos e marxistas na América Latina, Cuba, nem por sua Igreja, nem pelo partido, é o exemplo.

5.2- A Igreja na Revolução Centro Americana: A Questão da Religião

A América Central, violentamente conquistada pelos espanhóis no Século XVI, explorada em toda sua história, dividida por causa dos interesses do capitalismo inglês e norte-americano, ocupada e esvaziada de suas riquezas pelas companhias multinacionais e explorada por uma classe latifundiária sem escrúpulos e sem a mínima sensibilidade social, essa América Central sofrida está agora se colocando de pé, e os cristãos com ela.

Desde o santo Bispo Antônio Valdivieso, martirizado em León (na Nicarágua) no ano de 1550, por defender os índios explorados pelo conquistador Contreras, até os milhares de mártires de nossos dias, a AMÉRICA CENTRAL é hoje um exemplo de cristianismo comprometido com as lutas de libertação do povo.

A verdade é que a América Central esteve muito dividida em sua origem e em sua história. É uma história contraditória e difícil. Essa região não tem indústrias nacionais; quer dizer que não tem “burguesia”. A confrontação direta se faz entre uma oligarquia proprietária, exportadora, bananeira, como se diz, e um

povo camponês, em grande parte indígena. Aconteceu o confronto entre certas ditaduras oligárquicas, que depois se militarizaram, e um povo de camponeses.

Esse enfrentamento da oligarquia com o povo indígena camponês é um fato. O proletariado intervirá no futuro. Eu sempre digo: as grandes revoluções vão acontecer quando o MÉXICO, ARGENTINA e BRASIL entrarem nesse processo. QUANDO? Só Deus o sabe: A história é imprevisível. Ninguém pensava, em 1978, que a Nicarágua ia ser Sandinista em 1979.

A história atual da Nicarágua depende daquele guerrilheiro populista que se chamava SANDINO: homem do povo, operário. Esteve no México onde conheceu o populismo de Cárdenas. Volta a seu país, forma um exército e expulsa os americanos. Cai na ingenuidade de aceitar uma aliança com Somoza, que o assassina com seus companheiros.

Em 1960, um grupo de estudantes reorganiza um movimento, que depois vai se chamar sandinista. Primeiro, com alguma participação camponesa. A princípio, são grupos pequenos: 50, 80, 100 pessoas.

Mas quando foi que a Igreja se engajou na revolução? Tudo começou em 1970, quando um grupo de jovens cristãos da paróquia de Santa Maria dos Anjos da periferia de Manágua convidado a participar na Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Tratava-se de um pequeno grupo de estudantes pequeno-burgueses querendo fazer um pouco de bem aos pobres, doar roupas e coisas do gênero. E como os visse generosos e comprometidos, a Frente Sandinista fez um contato e os convidou a tomar parte. O grupo duvidou, teve dificuldades, mas por fim se decidiu a entrar no sandinismo.

Esses filhos de pequenos burgueses, protegidos até por seus pais e mães, entraram na revolução. No final, até a burguesia se distanciou de Somoza e por isso as declarações revisionistas do Comandante Zero são perfeitamente explicáveis. Porque o grupo mais antigo da revolução se chamava Guerra Prolongada. É o grupo de Borges. Os cristãos entraram pouco depois e criaram seu grupo um tanto autônomo. Aqueles lutavam no campo, enquanto que o grupo proletário, que era cristão, lutou mais na cidade. Depois apareceu o grupo, que se

chamou Terceirista, a terceira fração. Esse grupo terceirista era do Comandante Zero, social-democrata, E foi realmente o Comandante Zero, ajudado pela social-democracia alemã e européia, que pode realmente liquidar Somoza, porque tinha mais armas.

Então, depois da Revolução, se dizia: Agora, o que vão fazer os Terceiristas? Vão entrar no processo ou vão se separar?... Como os outros tinham maioria, o Comandante Zero se retirou do processo, inclusive fazendo declarações contra a revolução. O certo, porém, é que os três grupos se uniram. É a primeira vez que um GRUPO DE CRISTÃOS participa de um movimento armado e chega à vitória. Em POLÍTICA, QUEM É DERROTADO se EQUIVOCA. Porém, os que chegam vitória são os que conseguem mostrar a verdade.

Realmente, a incorporação de cristãos na luta libertadora era um fato novo. Quando a 19 de julho de 1979, a Nicarágua se tornou livre, esses jovens cristãos juntamente com seus companheiros não cristãos, foram triunfalmente recebidos pelo povo nicaraguense. As Comunidades de Base os mesmos Bispos e a Igreja toda da Nicarágua, haviam lutado abertamente contra a ditadura de Somoza, com exceção do Núncio Apostólico, que dias antes esteve brindando com o ditador Somoza.

Os cristãos participaram da revolução desde o princípio. Por isso é que o episcopado nicaraguense pode lançar uma carta Pastoral histórica, em novembro de 1979, sobre: “O COMPROMISSO CRISTÃO PARA UMA NICARÁGUA NOVA”. Dizem os Bispos:

“Se SOCIALISMO significa, como deve significar, colocar em primeiro lugar os interesses do povo nicaraguense e adotar um modelo de economia planificada nacionalmente, solidária e progressivamente participativa, nada temos a objetar... Se SOCIALISMO supõe PODER exercido a partir da perspectiva das grandes maiorias e repartida crescentemente entre o povo organizado, de novo (o socialismo) encontrará na fé motivação e apoio. Se SOCIALISMO leva a processos culturais que defendem a dignidade das massas, se conduz a uma humanização convergente com a dignidade

humana, como proclama nossa Fé, temos confiança em que o Processo revolucionário se fará normalmente, de maneira criativa, profundamente nacional e de nenhuma maneira imitativa. Se SOCIALISMO significa falta de democracia e totalitarismo, nós nos opomos a ele.”

É sem dúvida o texto mais avançado que se escreveu na América Latina, por parte do Episcopado.

Mas nem tudo é fácil na nova Nicarágua. A Nicarágua precisa de apoio para sobreviver. Mas precisa também preservar sua autonomia. Internamente, há muitas dúvidas ideológicas e, por causa disso, vai crescendo em certos quadros um certo marxismo dogmático. É daí que se origina uma luta ideológica. Por um lado, estão os grupos burgueses que criticam o Sandinismo e a Revolução. Por outro lado, há tensões entre o Marxismo Pragmático e certos comandantes que abraçam um Marxismo Dogmático. São os recém-chegados. Essa gente recém-chegada, que leu o primeiro livro de Lênin, e agora já é Sandinista, pretende ensinar os outros... A luta ideológica está se dando e tem que dar-se. Porém, há um processo de abertura, há um processo de liberdade.

O povo da Nicarágua é um povo cristão, popular, anti-imperialista. Por isso, num importante comunicado do Comando Sandinista, de 7 de outubro de 1980, diz: “Nós Sandinistas afirmamos que nossa experiência demonstra que quando os cristãos são capazes de responder as necessidades de seu povo e da história, é sua mesma Fé que os impulsiona à militância revolucionária. Nossa experiência nos demonstra que se pode ser cristão e revolucionário conseqüente e que não há nenhuma contradição insolúvel entre estas duas coisas.”

É o fim de uma época e o começo de outra! É a primeira vez que na história do mundo, um movimento revolucionário pós-capitalista declara prática e teoricamente esta posição a respeito da Religião. É um passo gigantesco para frente e suas repercussões foram logo sentidas em Cuba, Moçambique e em outros países socialistas.

A religião é fundamento de um compromisso e não há contradição entre cristianismo e revolução. “É necessária uma ALIANÇA ESTRATÉGICA entre os

cristãos revolucionários e os Marxistas revolucionários”, diz Luiz Carrion, ex-integrante daquele grupo de jovens cristãos da Paróquia de Santa Maria dos Anjos. Para alguns pode parecer um pouco redundante falar em marxistas revolucionários. Na verdade, há marxistas idealistas e há também marxistas opressores. Há marxistas que estão em burocracias, que oprimem os povos. O marxismo deixou de ser, como tal, uma doutrina crítica porque foi às vezes domesticado até mesmo para servir à opressão. Existem alguns marxistas que são anti-revolucionários porque não consideram as condições reais. As propostas que fazem são irreais e, em vez de fazer a revolução, fazem a contra-revolução. É preciso ter muito cuidado!

E o problema da religião é um dos graves problemas da América Latina. Por isso Luiz Carrion dizia: “É necessária uma ALIANÇA ESTRATÉGICA entre cristãos revolucionários e Marxistas revolucionários”. Aliança ESTRATÉGICA, vejam bem! Porque, se a aliança é ESTRATÉGICA, NÃO É TÁTICA. Se a aliança é ESTRATÉGICA, é um problema teórico. Se os cristãos e os marxistas fazem uma aliança ESTRATÉGICA, significa que a fazem para a SOCIEDADE FUTURA, e é nela que vamos subsistir no futuro como cristãos. Significa então, que a RELIGIÃO é positiva, porque é ESTRATÉGICA e não TÁTICA. Não é justo que me usem agora e depois me joguem no lixo (isso seria tática). Por isso é preciso rever, a partir do marxismo, o problema da religião. São as grandes questões que Igreja está enfrentando na Nicarágua.

Em El Salvador, Guatemala e Honduras a luta pela libertação nacional está cada dia mais forte. Os exemplos de centenas de milhares de cristãos, entre os quais o Santo Romero, mártires da libertação do povo, encorajam a continuar a luta. A partir da experiência da Nicarágua, pode-se dizer que é praticamente impossível conter o crescimento da Igreja Popular que nasce do próprio povo.

A população rural de El Salvador esteve desorganizada desde a matança de camponeses em 1932, quando foi assassinado também o líder deles, FARABUNDO MARTÍ. Foi a Igreja, após o Concílio e após Medellín, através de suas Comunidades Eclesiais de Base, que conseguiu novamente organizar, conscientizar e mobilizar os camponeses salvadorense. O grande pioneiro e apóstolo das CEBs em El

Salvador foi o Pe. jesuíta Rutílio Grande. Infelizmente ele e mais de 20 outros sacerdotes foram torturados e barbaramente assassinados na América Central nos últimos 5 anos.

A Igreja está realmente na base e na origem do processo de libertação mesmo. A Igreja não precisa mais ser convidada para se fazer presente na hora do triunfo. É ela mesma que está provocando, participando e servindo lá mesmo onde a libertação popular está nascendo.

A EVANGELIZAÇÃO, com o sangue dos mártires e com o trabalho cotidiano dos cristãos, vai avançando, apesar das ações contrárias de muitos cristãos responsáveis por estruturas eclesiais. Hoje é o próprio povo, o povo humilde, simples e pobre, povo que foi violentamente dominado durante a conquista, povo oprimido pelos fazendeiros e mineiros, povo explorado pelas oligarquias e pelos liberais, pelos patrões latifundiários e pelos capitalistas multinacionais, ESSE POVO CRISTÃO é hoje o SUJEITO de sua própria LIBERTAÇÃO; povo identificado com o Cristo pobre, carpinteiro, torturado e crucificado, ensangüentado diante dos soldados do Império.

6. CONCLUSÕES

Esta interpretação da História da Igreja na América Latina tem sua fundamentação teórica e teológica. A categoria interpretativa de “CRISTANDADE” permite diferenciar a Igreja de um MODELO HISTÓRICO sumamente ambíguo e comprometido com o poder opressor. Permite ainda, descobrir o POVO CRISTÃO como DOMINADO dentro do MODELO DE CRISTANDADE; descobrir o POVO CRISTÃO como EVANGELIZADO, apesar das circunstâncias em que o Evangelho foi pregado — na posição católica sob o poder ibérico do Capitalismo Mercantil e na posição protestante sob o poder anglo-saxônico do Capitalismo industrial.

A PRIMEIRA ÉPOCA, a da Cristandade Colonial e dominada, tem seus PECADOS estruturais, mas tem também valores que não podem ser omitidos: a

generosidade e a dedicação de milhares de missionários, de leigos espanhóis e portugueses, de mestiços, de índios e de escravos negros. Cabe aqui uma recordação especial a mulher que foi a grande construtora da Igreja.

A SEGUNDA ÉPOCA, na qual se encontra ainda a maior parte da Igreja Latino Americana, começa com a crise da Cristandade, com as guerras de Independência, para cair logo em seguida no PACTO NEO-COLONIAL. A Igreja, embora conservadora, permanece do lado do povo oprimido pelos liberais. Durante o século XIX (de 1800 a 1900) existe uma autêntica Igreja Popular, freqüentemente LAICAL por falta de sacerdotes, que se transforma num reduto de resistência contra a ideologia positivista, capitalista e contra a dependência antinacionalista. Portanto, a Igreja não foi, como o quer a história Liberal, somente oligárquica: FOI TAMBÉM IGREJA POPULAR, apesar das contradições.

É a partir da memória do povo e por causa da presença real e concreta de grande parte da Igreja nas lutas de resistência do povo mesmo, que hoje, enquanto a América Latina começa a entrar na TERCEIRA ÉPOCA, há cristãos SUJEITOS ativos da Libertação.

(“LA HISTÓRIA DE LA IGLESIA EN AMÉRICA LATINA: UNA INTERPRETACION”, escrito por Enrique Dussel - in “PUEBLA”, nº 18 - junho de 1982; Ed. VOZES, Petrópolis; pág. 165 a 192. Traduzido por José Lino Hack e multiplicado pelo IPJ).